

O som e o poder

Sound and power

Pedro J. S. Vieira de Oliveira*

Resumo: As duas seções deste artigo são resultantes de uma primeira iteração da minha pesquisa acadêmica e artística iniciada em 2017 sobre o chamado “teste de idioma e sotaque” (também conhecido como “biometria da voz”), um software proprietário em uso pelas autoridades de imigração da Alemanha em casos de requerentes de asilo que chegam ao país sem documentos. A primeira parte (“*das hätte...*”) explica meu processo de transposição (estética, técnica e discursiva) do que se entenderia por *machine listening* quando em contraponto à escuta humana e vice-versa; este processo é exemplificado por meio de dois trabalhos – uma instalação em três canais para vozes computadorizadas, e uma composição e performance para um trio de vozes. Já a segunda parte (“*Sobre a extensão...*”) foca em revelar a dramaturgia e cenografia implícitas no processo do teste de idiomas, no qual a presença de um telefone – um aparelho que evoca memórias específicas sobre interações humanas – é o fio-condutor para uma narrativa de como este processo designa, precisamente, a mesma figura que deseja revelar. Ambas as seções podem ser entendidas como ensaios para um entendimento mais aprofundado sobre a relação da escuta com processos de imigração na Europa, em que a ideia de “origem” é vista como intrinsecamente atrelada ao corpo (e subsequentemente

à voz), no entanto somente enquanto tal “corpo” é referente do “Outro”, que as fronteiras da “fortaleza Europa” desejam manter sempre à margem.

Palavras-chave: escuta; biometria da voz; descolonização; arte sonora; políticas de fronteira.

Abstract: The two sections of this paper are the outcome of a first iteration of my academic and artistic research begun in 2017 on the so-called “language and accent test” (also known as “voice biometrics”), a proprietary software in use by German immigration authorities in cases of asylum seekers who arrive in the country without documents. The first part (“*das hätte...*”) explains my process of transposing (aesthetically, technically, and discursively) what is meant by machine listening when set against human listening and vice versa; this process is exemplified through two works – a three-channel installation for computerized voices, and a composition and performance for a trio of voices. The second part (“*On the Endless Infrastructural Reach of a Phoneme*”) focuses on revealing the dramaturgy and scenography implicit in the process of language testing, in which the presence of a telephone - a device that evokes specific memories about human interactions - is the guiding line for a narrative of how this process precisely



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado.

* Pós-Doutorando em Artes no *Helsinki Collegium for Advanced Studies* (Finlândia). Os trabalhos aos quais a primeira parte do texto se refere foram financiados pelo *ACUD Macht Neu Berlin* e *Goethe Institute Bruxelas*, respectivamente. Atualmente minha pesquisa é financiada pela *KONE Foundation*. E-mail: pedroliveira@gmail.com.

designates the same figure it wishes to reveal. Both sections might be understood as rehearsals for a deeper understanding of the relationship between listening and immigration processes in Europe, in which the idea of “origin” is seen as intrinsically tied to the body (and subsequently to the voice), yet only insofar as such a “body” refers to the “Other” that the borders of “Fortress Europe” wish to always keep at the margins.

Keywords: listening; voice biometrics; decolonization; sound art; border politics.

“Das hätte nicht passieren dürfen” – Ressignificando vozes fronteiriças e os processos de escuta biométrica

Enquanto artista sonoro e pesquisador, tenho me interessado pela materialidade das bases de dados de voz, por seu valor semântico e político, pelo processo de tomada de decisões que implica no recrutamento de voluntários, por quais sons devem ser produzidos por tais voluntários, pelo significado cultural desses sons e por sua existência contínua enquanto material de arquivo. A criação de *speech corpora* – ou seja, a criação de um catálogo de articulações linguísticas e da fala – é uma tarefa árdua. No entanto, essa aparente inviabilidade não impede que tais bases de dados sejam implantadas em sistemas que deliberem e julguem a fala em toda sua ambiguidade – de prosódia, pronúncia, inflexão e timbre. Esses sistemas de “biometria da voz” tendem a estabelecer uma suposta “verdade” quantificável no que diz respeito a como uma voz produz linguagem – um fenômeno primordialmente físico, embora também cultural e social. As tecnologias biométricas, como argumenta Heather Murray, são “constituídas pelas práticas envolvidas em [seu] uso”; sua

performatividade “está vinculada e produz entendimentos culturais de gênero, autoridade e criminalidade”. Campanhas sancionadas por países do norte europeu transferem a avaliação biométrica para o dia a dia, incentivando um estado de constante vigilância em locais como estações de trem, aeroportos e escritórios públicos, bem como também contribuem para episódios de racismo e violência policial. Processos como esses evidenciam como o som pode ser instrumentalizado para agir como um mecanismo de disciplina e como a biometria é fundamentalmente um gesto performativo: ela procura identificar exatamente aquilo que se propõe a revelar.

A classificação de seres humanos em categorias (em termos de sexo, idade, língua etc.), construída por mecanismos de avaliação tanto humanos quanto mecânicos, procura neutralizar a ambiguidade. Esse ímpeto, parte integrante do *design* de muitos sistemas biométricos, nada mais é do que um conjunto de dispositivos disciplinares destinados a conter e regular corpos racializados. Ou, nas palavras de Louise Amoore, “[...] uma questão de biopolítica, um regulador mutante mediante o qual a vida cotidiana das pessoas se torna passível de intervenção e controle”. Tecnologias biométricas são calibradas seguindo uma série de suposições normativas que, de fato, comunicam modos supremacistas de se ver e ouvir o mundo. Simone Browne argumenta que é justamente no momento da medição – da observação e da escuta – que o *ethos* racial da biometria se revela.

A inspiração central para o trabalho que apresento aqui é o caso desastroso do soldado alemão neonazista Franco A., que conseguiu personificar-se enquanto refugiado sírio e assim recebeu o *status*

de requerente de asilo na Alemanha por meio do *Bundesamt für Migration und Flüchtlinge* (BAMF) – a autoridade nacional responsável por questões de Imigração e Refugiados. A intenção de Franco A. era de realizar uma série de ataques terroristas contra figuras públicas – em sua maioria políticos da esquerda e ativistas –, utilizando sua identidade como imigrante sírio. Seu caso colocou em dúvida todo o sistema de asilo alemão: relatos, declarações e reportagens investigativas procuraram esclarecer como seria possível um cidadão alemão, branco e sem nenhum conhecimento da língua árabe (e com um histórico supremacista) poder receber a condição de asilo temporário. A solução encontrada pelo BAMF para tratar desse caso foi implementar, com a máxima urgência, o chamado *software* de “reconhecimento de dialetos”, a fim de supostamente evitar “erros humanos” que poderiam ter levado à aceitação de Franco A. dentro do sistema de asilo.

Desse modo, minha pesquisa se concentra nas questões da aplicação de bases de dados da voz humana com a finalidade de alimentar as tais “tecnologias de reconhecimento de dialeto”, bem como a possível implantação dessas tecnologias como prática comum nas fronteiras da União Europeia e particularmente na Alemanha. Meu interesse no uso de material de arquivo (sonoro) procura colocar em xeque a ideia de que seria factível, para fins de avaliação biométrica, separar a materialidade do som de sua constituição enquanto fenômeno cultural. Para tanto, meu método consiste em desacelerar os processos de calibração do *software*, narrando-os como momentos pedagógicos. O trabalho foca em dois aspectos dessas bases de dados: o primeiro é o conteúdo semântico das chamadas *elicitation cues*, ou seja, frases

curtas que os voluntários são requisitados a gravar. A aparente trivialidade de tais frases – trechos de livros antigos, listas de compras, frases supostamente sem sentido semântico – são mais um aspecto da tentativa de separar som e sentido; ademais, elas delinham o sujeito (político e cultural) que as fala. O segundo aspecto trata da separação dessas frases em fonemas usando um sistema arbitrário de classificação; assim como muitas das tecnologias contemporâneas, sistemas de reconhecimento de voz remetem a pesquisas financiadas pela Agência de Projetos Avançados de Pesquisa da Defesa dos EUA (DARPA) em colaboração com a *Texas Instruments* e o MIT. O DARPA-TIMIT – como esta base de dados é conhecida – é amplamente utilizado no desenvolvimento de sistemas de reconhecimento de voz em vários idiomas para além do inglês. Sendo assim, a maioria destes sistemas apresenta uma transcrição fonética de palavras baseadas em como sua pronúncia se daria em inglês, independentemente do idioma em questão.

Uma primeira iteração deste projeto aconteceu em Berlim entre fevereiro e março de 2018 na *ACUD Gallery*. A instalação em três canais se concentrou principalmente nos comunicados de imprensa oficiais do BAMF sobre o caso de Franco A., bem como a subsequente implementação do *software* de reconhecimento de dialetos. A peça sonora foi composta utilizando vozes artificiais lendo textos burocráticos a partir do ponto de um suposto sotaque “neutro” de alemão.

Figura 1



Fonte: acervo pessoal do autor.

Uma segunda iteração foi comissionada pelo *Goethe-Institute* de Bruxelas, em colaboração com o coral *Brussels Experimental*, sob a direção de Floris Lammens. Para essa peça transformei os fonemas em partituras, que foram interpretadas por um “trio de vozes migrantes”, destacando os diversos processos de tradução e transdução que ocorrem quando a tarefa de leitura mecânica é executada por humanos. Três cantores – Moumy Chahou, Farida Lehyan e Ghassem Mousavi – interpretaram a peça *Quelque chose de suspect?* na noite de 14 de abril de 2018.

Cada um deles tinha em mãos uma versão da partitura com diferentes notações referentes à prosódia, modulação e amplitude. Textos burocráticos também foram lidos empregando um tom deliberadamente sarcástico, como um ato de insolência e insubordinação.

As partituras, composições e gravações dessas peças foram o início de um projeto maior questionando de maneira crítica a função das bases de dados e as interpretando como um arquivo da voz.

Figura 2



Fonte: Goethe Institute Brussels.

Esses trabalhos simultaneamente desafiam e intervêm em processos baseados no desejo de medir e excluir a imperfeição humana, assim como também fazem parte de um longo processo regulador que visa reger e decidir sobre a vida de outrem. Ao acrescentar componentes melódicos e fazer uma composição musical a partir de *elicitation cues*, eu enfatizo a permeabilidade dessas bases de dados como alicerces da biometria da voz. Meu objetivo era fazer com que essas frases se movessem e se desdobrassem no espaço e se recusassem a “participar” da construção de um sistema projetado para lucrar com a falha. Sendo assim, essas performances não apenas denunciam a persistência do pensar colonial que é embutida nos sistemas de reconhecimento de idioma e voz, mas também enunciam ensaios poéticos preocupados com futuros diversos e múltiplos.

Sobre a extensão infraestrutural infinita de um fonema

Começamos com a pergunta: quais palavras, quais cenas, quais formas lhe levariam a pegar o telefone e ligar para casa?

O telefone nos evoca a um certo senso de familiaridade. Pode-se dizer que estamos tão familiarizados com telefones que eles se tornaram uma parte intrínseca de nós, tocando levemente nossa pele através do tecido dos bolsos ou suspensos em bolsas, sacolas, mochilas penduradas nos ombros, nas costas. Dependendo de quantos anos você tem e de onde você vem, você provavelmente se lembra do telefone fixo sendo um dos epicentros de casa. Estático e imóvel, conectado à parede, com o fio, com a mesa. Na mesinha de canto, acima da geladeira, na sala. Rodeado de anotações esparsas e pedaços de papel

rabiscados de azul, preto, vermelho, verde ou a lápis, com desenhos abstratos, números, nomes, datas, receitas de família, poemas bregas. Conectado ao telefone, que está conectado na parede. Assim é a poesia do telefone e de sua familiaridade – o telefone nos recorda de casa, mas também, até certo ponto, talvez continue a moldá-la. Histórias e estórias se interconectam, tecidas como uma rede afetiva da fala que viaja pelo fio do telefone.

Um telefone pode ser pensado como algo que evoca uma sensação de familiaridade. Imaginemos novamente um telefone, mas dessa vez sobre uma mesa, em uma sala vazia. Quão grande é essa sala? Quão bem iluminada ela é? Trata-se de uma sala de um escritório abandonado ou ela tem aquela qualidade asséptica de luz fria e barulhenta? Talvez possamos mudá-la um pouco – não sabemos muito sobre esta cena, então podemos tomar certas liberdades aqui. Talvez possamos pensar nesse telefone em uma cabine, sobre uma mesa pequena, mais alta do que o normal, com espaço suficiente para uma única cadeira que talvez seja muito baixa para a mesa em questão. Talvez a cadeira tenha um certo jogo, uma perna um pouco mais curta que as outras. Podemos ser um pouco criativos e imaginar o telefone específico em um tom vermelho-escuro, mas o mais provável é que ele seja daquela cor esquisita que não é creme nem branca, e sim amarelado de idade e cigarro. Seu painel gorduroso, no qual cada número está manchado de saudade, de esperança, de pavor, de amor, de decepção, de tristeza, embora muito provavelmente uma mistura de tudo isso. Mas hoje, esse telefone específico está coberto de ansiedade. O suor frio que percorre o fio até as teclas, até a mesa,

até a cadeira e até o corpo sentado em frente a ela.

Esse telefone, de cor esquisita e toque gorduroso, aceita qualquer número. Ele só responderá, no entanto, a uma sequência:

7 2 0 9 9, e então #

Se prestarmos atenção, podemos até ver como esses números estão quase apagados no teclado. Talvez até um pouco mais leves ao toque, indicando partes mais soltas do que outras. No entanto, funcionam. Ou deveriam, pelo menos. Esse telefone, de cor esquisita e toque um pouco oleoso só existe na medida em que esse número é discado. A sala só existe enquanto esse telefone estiver ali, conectado à parede, ligado à rede. Sete, dois, zero, nove, nove e joga-da-velha. Silêncio. Um *bip* curto.

Agora contemos uma história. Temos só dois minutos.

Mas não uma história qualquer. Há todo um protocolo para isso, e muito provavelmente vemos agora algo na nossa frente, ao lado do telefone. Uma foto, provavelmente virada para baixo, atijando a nossa curiosidade. Como é que não a vimos antes? Quem colocou aquele pedaço de papel ali, perdido entre toda a burocracia que mostra nada além de uma história incompleta sobre si mesma? Concentre-se na imagem. Temos dois minutos para descrevê-la.

Gloria Anzaldúa, poeta e escritora latina, vem nos falar sobre o poder dos objetos e a habilidade de se contar histórias sobre e com artefatos

ritualísticos. A “presença” de um determinado objeto, quando invocado por meio de rito e história, como observa Anzaldúa, traz à tona o fato de que objetos são “tanto uma coisa física quanto o poder que a infunde”.¹ Objetos não são coisas estáticas e imutáveis e o pensamento de Anzaldúa nos serve como uma forma de lembrar que não há nada de exatamente “novo” nos tais “novos materialismos”.² Em cosmologias não-ocidentais, objetos são imbuídos das relações de poder que contêm, que ajudam a construir e que são evocadas pelas histórias sobre eles. O resultado disso não se torna uma coisa fixa no tempo e no espaço (como a estética ocidental presumiria), mas sim “[...] uma montagem, um trabalho de contas com vários *leitmotifs* e um núcleo central [...] aparecendo [e] desaparecendo em uma dança louca”.³ Quem conta uma história se metamorfoseia e histórias de (e com) objetos são transformadoras.⁴ A essência da narrativa é repetição. A essência da repetição é ser desigual.

O poder ritualístico dos objetos e sua capacidade de transformar tanto a pessoa contadora de histórias quanto a pessoa ouvinte não se limita exclusivamente ao poder evocativo da arte. Para Anzaldúa, essa seria a distinção essencial entre a arte do colonizador e a do colonizado, pois para esse último a arte evocada em objetos não pode ser separada da vida cotidiana. As relações de poder se encontram embutidas nos afetos entre objeto e corpo, na medida em que habitamos diferentes versões de nosso corpo sempre que objetos nos tocam. Em outras palavras, as infraestruturas afetivas nos habitam, mas ao mesmo

¹ ANZALDÚA, *Borderlands/la frontera*, p. 89.

² Agradeço a Lou Cornum por me apontar este detalhe.

³ ANZALDÚA, *Borderlands/la frontera*, p. 88.

⁴ ANZALDÚA, *Borderlands/la frontera*, p. 88.

tempo mudam o mundo ao nosso redor e essa mudança nos molda de volta. As infraestruturas afetivas são tácteis, temporais, maleáveis, texturizadas e até mesmo arquipelágicas.⁵

Estamos falando do poder de uma história, mas estamos falando também das estruturas de poder que criam um mundo no qual o conteúdo da história deve ser separado (e excluído) do ato de contá-la.

Se pensarmos nesses dois minutos nos quais uma história precisa ser contada, vamos descobrir que eles provocam mudanças na vida de quem as conta – não por causa do poder intrínseco contido nessa história específica, mas porque a história depende do telefone de cor estranha, com, talvez, um certo toque gorduroso, do outro lado do qual não se encontra um ouvinte e sim um pedaço de *software*. Um algoritmo, que processará a história, cortando-a em trechos minúsculos, convertendo-a do domínio do tempo para o domínio da frequência, medindo seus coeficientes distribuídos em treze vetores e comparando-a com uma base de dados pré-definida.⁶ Esse algoritmo gera então uma lista de probabilidades, distribuídas em conjuntos específicos de idiomas e dizendo estar x ou y por cento confiante de que a pessoa que conta esta história fala 63% de turco ou 22% de hebraico.⁷

Log Likelihood Ratio

Que todo o processo digital feito nesta história implica alguma forma de escuta, seja humana ou digital, não significa necessariamente que o poder afetivo produzido pelo conteúdo da história em questão é relevante. Ao contrário, o

poder reside no ato de conectar a imagem com a pessoa e com o telefone.

Esse não é um telefone comum, agora estamos começando a notar – não por causa de sua cor estranha e seu toque gorduroso. Esse é um dispositivo que não deve conectar a pessoa com seu lar, mas sim evocar apenas uma sensação desse lar. Esse é um dispositivo que cria um corpo sentado, que anseia pelo lar. O telefone que conecta a pessoa ao lar não está necessariamente sobre a mesa e sim, como essas pessoas, sobrevive à viagem que os leva até lá. Essa pessoa, agora sabemos, é uma pessoa muito específica, definida como tal pelas infraestruturas das fronteiras, da geopolítica e da guerra. Conectada à parede, ligada à rede, conectada ao sistema. A autonomia sobre o eu (sonoro) é temporariamente abduzida por esse vínculo. Pessoa e telefone, pessoa e infraestrutura se co-constituem, definidas e unidas pelas relações de poder que habitam o corpo, a voz, o telefone, o algoritmo, as políticas públicas, os acordos comerciais, os governos, o colonialismo e a história.

Seu nome, um número. Sua identidade, temporária: “requerente de asilo”.

Em sociolinguística, o processo de análise de um dialeto impõe uma série de problemas éticos que impactam como, porque e quando oradores são solicitados a falar de maneira mais “natural”, ou seja, como o fariam no cotidiano. Para um *software* especificamente calibrado para atender à elicitación de dialetos, espera-se também que a pessoa oradora forneça o relato mais “natural” de sua pronúncia, ritmo e vocabulário. Miriam Meyerhoff et al. argumentam que pessoas tendem a adaptar a fala quando sabem que estão

⁵ Cf. CORNUM, et. al., *Affective infrastructures*.

⁶ FOKOUÉ; MA, *A comparison of classifiers in performing speaker accent recognition using MFCCs*, p. 258.

⁷ BISELLI; HOPPENSTEDT; SCHURMANN, *Eine Software des BAMF bringt Menschen in Gefahr*.

sendo gravadas e omitir esse fato exacerba as relações de poder em jogo entre o sujeito pesquisador e o objeto de pesquisa.⁸ Portanto, quando o *software* omite a figura do “pesquisador” – substituindo-a, digamos, por um telefone –, a presença de um dispositivo de gravação pode ser, pelo menos visualmente, obscurecida. Esses autores discutem ainda uma técnica empregada em sociolinguística, que consiste em gravar conversas entre duas ou mais pessoas que estão familiarizadas uma com a outra e sem a presença física da pesquisadora.⁹ Ademais, enquanto esse tipo de pesquisa requer consentimento (por escrito ou não), no sistema de asilo alemão o teste de reconhecimento de dialetos, feito via entrevista ou via *software*, é obrigatório quando nenhuma outra “prova material” da origem da pessoa solicitante pode ser apresentada.¹⁰ As relações de poder, nesse caso, não são quebradas e tampouco obscurecidas. Pelo contrário, se tornam hipervisíveis.

O Escritório Federal Alemão de Migração e Refugiados (BAMF) começou a experimentar com um chamado “*software* de reconhecimento de dialetos” ao final de 2017, especialmente após o caso desastroso do soldado alemão neonazista Franco A., que conseguiu ludibriar o sistema de concessão de asilo, recebendo asilo temporário como David Benjamin, um judeu sírio. Seu plano: cometer uma série de ataques terroristas contra figuras públicas alemãs e atrelar a violência à sua identidade

temporária.¹¹ O *software* foi implementado em 61 dos centros de recepção (*Ankunftszenrum*) e escritórios externos (*Außenstellen*) da Alemanha. As bases de dados para reconhecimento da fala e sotaque (*speech corpora*) foram compradas da Universidade da Pensilvânia nos Estados Unidos.¹² Durante os primeiros meses, os esforços foram especialmente focados (ou pode-se dizer, calibrados) para falantes de variações de árabe da região do Levante, do Egito e do Golfo. Em abril de 2018, tal *software* já havia sido utilizado 9.883 vezes e o BAMF, em resposta a um inquérito sobre sua eficácia, informou que a margem de erro era de 20%, com promessas de melhoria.¹³ Ao pesquisarmos a longa lista de bases de dados da Universidade da Pensilvânia, descobrimos que os bancos de dados mais populares entre as variantes de árabe são chamados *CALL FRIEND* e *CALL HOME*.¹⁴

Franco A. nunca falou uma palavra de árabe sequer em sua audiência. Ele respondeu todas as perguntas em francês e, aparentemente, em alemão.¹⁵

Agora a imagem se torna um pouco mais clara: estamos falando aqui da prevalência da forma sobre o conteúdo. As relações de poder se encontram no desequilíbrio entre esses dois aspectos, presentes nesse elo contingente que se dá entre a importância do conteúdo da história para quem a conta e a relevância da forma da história para quem a ouve. Essa história é a história da extensão infraestrutural possibilitada

⁸ MEYERHOFF; ADACHI; NANBAKSH; STRYCHARZ, *Sociolinguistic fieldwork*, p. 123.

⁹ MEYERHOFF; ADACHI; NANBAKSH; STRYCHARZ, *Sociolinguistic fieldwork*, p. 133.

¹⁰ BUNDESAMT FÜR MIGRATION UND FLÜCHTLINGE (BAMF), *Dienstanweisung*.

¹¹ *DIE WELT*, “Falscher Syrer” aus Untersuchungshaft entlassen; BUNDESAMT FÜR MIGRATION UND FLÜCHTLINGE (BAMF), *Identitätssicherung und -feststellung im Migrationsprozess*.

¹² ULRICH, *Software für Sprachbiometrie, Forensik und Handyauswertung beim BAMF*.

¹³ BISELLI; HOPPENSTEDT; SCHURMANN, *Eine Software des BAMF bringt Menschen in Gefahr*, 2018.

¹⁴ Cf. <https://catalog ldc.upenn.edu/LDC96S49> e <https://catalog ldc.upenn.edu/LDC97S45>.

¹⁵ *SPIEGEL POLITIK*, *Franco A. sprach Deutsch in Asylanhörung*.

pela mera articulação de um fonema. Vidas dependem dessa articulação; seus destinos são definidos nessa relação que já vem desequilibrada. A margem de erro, sabemos agora, é de 20%.

A lista de problemas éticos que podem surgir da tentativa de fazer pessoas “falarem naturalmente” é interminável. A partir do momento em que o componente humano é removido dessa relação de poder (já muito desigual), fica implícito que confiar em decisões automatizadas por *software* produz um falso senso de “neutralidade” e “objetividade” e, sendo assim, as questões éticas podem ser temporariamente deixadas de lado. Em outras palavras, a margem de erro é de 20%, mas pelo menos – como dizem – não há perigo das emoções humanas se misturarem a um relato supostamente objetivo.

Então me diga: quais palavras, quais cenas, quais formas lhe levariam a pegar o telefone e ligar para casa?

Um telefone pode ser usado como algo que evoca um sentimento de familiaridade um tanto quanto desconfortável. De acordo com Meyerhoff *et al.*, “tópicos onde pessoas podem se envolver emocionalmente” tendem a ser extremamente bem-sucedidos em evocar um dialeto, e os autores enfatizam o uso de técnicas como a “questão do risco de morte”: “Você já esteve em uma situação em que quase perdeu sua vida”? Respostas a essa pergunta geralmente exigem algum envolvimento emocional e podem desencadear histórias com abundância de características ditas vernaculares [...]. Entretanto, tal técnica não funciona necessariamente para todos “[...] um dos

oradores que contribuiu para o corpus Bequia começou a chorar depois de responder a esta pergunta [...]”.¹⁶

Aparentemente, esse método não é mais utilizado em pesquisa sociolinguística.¹⁷ A questão do “risco de morte” não só é altamente problemática do ponto de vista ético, mas também extremamente alheia às emoções do sujeito e das consequências psicológicas de se reviver um trauma. Para os sobreviventes de violência, abuso ou guerra, perguntas como essas podem trazer consequências graves ao longo prazo.

Ao virarmos a imagem colocada sobre a mesa à nossa frente e darmos uma boa olhada, descobrimos que ela retrata uma família fazendo uma refeição, unida, em casa.

Anzaldúa nos lembra que uma imagem “[...] é uma ponte entre a emoção evocada e o saber consciente”.¹⁸ Você consegue imaginar a mais trivial das situações sendo apresentada como um resumo de tudo aquilo que é inalcançável?

Um telefone pode ser instrumentalizado para lembrar um requerente de asilo de que seu “lar” estará sempre em outro lugar. O lar, nos parece, está sempre fora de alcance.

Temos agora dois minutos para descrever uma imagem nesse telefone que se encontra à nossa frente. Conectado à parede, ligado à rede, conectado ao sistema. Conectado à fronteira.

Em casa.

¹⁶ MEYERHOFF; ADACHI; NANBAKSH; STRYCHARZ, *Sociolinguistic Fieldwork*, p. 134, tradução nossa.

¹⁷ Isso me foi dito via *Twitter* por Rachael Tatman, que também me indicou o texto de Meyerhoff *et al.* (Cf. <https://twitter.com/rctatman/status/1090325168491192321>).

¹⁸ ANZALDÚA, *Borderlands/la frontera*, p. 91.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. 3 ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2007.
- BISELLI, Anna; HOPPENSTEDT, Max; SCHURMANN, Sara. Eine Software des BAMF bringt Menschen in Gefahr. *Vice*, 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/de/article/a3q8wj/fluechtlinge-bamf-sprachanalyse-software-entscheidet-asyl>. Acesso em 20 ago. 2018.
- BUNDESAMT FÜR MIGRATION UND FLÜCHTLINGE (BAMF). Dienstanweisung Vom 1. 19 fev. 2018. Disponível em: <https://fragdenstaat.de/anfrage/dienst-anweisung-vom-1-dezember/>. Acesso em 19 fev. 2018.
- BUNDESAMT FÜR MIGRATION UND FLÜCHTLINGE (BAMF). Identitätssicherung und -feststellung im Migrationsprozess: Vier Fragen und Antworten zu den Herausforderungen und Praktiken im deutschen Kontext. 27 set. 2017. Disponível em: <https://www.bamf.de/SharedDocs/Meldungen/DE/2017/EMN/20170927-am-emn-studie-identitaetssicherung-feststellung.html>. Acesso em 19 fev. 2018.
- CORNUM, Lou; DRAGONA, Daphne; GANESH, Maya Indira; HU, Tung-Hui; JONES, Marija Bozinovska; MONTEIRO, Fernanda; NADÈGE; VIEIRA DE OLIVEIRA, Pedro J S; SNELTING, Femke. Affective infrastructures: a tableau, altar, scene, diorama, or archipelago. *Transmediale journal*, n. 3, 2019. Disponível em: <https://archive.transmediale.de/content/affective-infrastructures-a-tableau-altar-scene-diorama-or-archipelago>. Acesso em 24 fev. 2019.
- DIE WELT. Falscher Syrer aus Untersuchungshaft entlassen, 29 nov. 2017. Disponível em: <https://www.welt.de/politik/deutschland/article171078726/Falscher-Syrer-aus-Untersuchungshaft-entlassen.html>. Acesso em 19 fev. 2018.
- FOKOUÉ, Ernest; MA, Zichen. A comparison of classifiers in performing speaker accent recognition using MFCCs. *Open Journal of Statistics*, n. 4, pp. 258-266, 2014.
- MEYERHOFF, Miriam; ADACHI, Chie; NANBAKHS, Golnaz; STRYCHARZ, Anna. Sociolinguistic fieldwork. In: Nicholas Thieberger (ed.). *The Oxford handbook of linguistic fieldwork*. New York: Oxford University, 2012.
- SPIEGEL POLITIK. Franco A. sprach Deutsch in Asylanhörung, 16 jun. 2017. Disponível em: <https://www.spiegel.de/politik/deutschland/bundeswehr-franco-a-sprach-deutsch-in-asyl-anhoerung-a-1152453.html>. Acesso em 24 fev. 2019.
- ULRICH, Alexander. Software für Sprachbiometrie, Forensik und Handyauswertung beim BAMF. 26 jun. 2018. Disponível em: <https://www.andrej-hunko.de/start/download/dokumente/1186-software-fuer-sprachbiometrie-forensik-handyauswertung-beim-bamf-mdb-alexander-ulrich/file>. Acesso em 24 fev. 2019.

Recebido em 12 de setembro de 2021
Aceito em 19 de outubro de 2021